

RESUMO/ RESUMÉ

NOÇÕES FUNDAMENTAIS PARA SE PENSAR A POÉTICA DO TRADUZIR DE MESCHONNIC

Neste artigo buscamos refletir sobre algumas noções fundamentais para se pensar a *Poética do traduzir* (1999) de Henri Meschonnic. Noções como linguagem, língua, texto, discurso, enunciação, alicerçam as reflexões poéticas e literárias para se pensar a tradução como processo histórico e atividade do sujeito. Assim, na sua poética do traduzir, noções importantes tais como ritmo, oralidade, significância, subjetivação aparecem para compreender o ato da tradução como lugar de uma teoria de conjunto da linguagem, da literatura e da sociedade, em outras palavras, pensar o traduzir marcado historicamente, subjetivamente e socialmente. Essas reflexões permitem perceber a história do traduzir alinhada à história do pensamento sobre a linguagem.

Palavras-chave: linguagem, poética; traduzir; tradução; ritmo.

LES CONCEPTS FONDAMENTAUX POUR COMPRENDRE LA POETIQUE DU TRADUIRE DE MESCHONNIC

Nous proposons dans cet article une réflexion autour de certaines notions fondamentales pour comprendre la *Poétique du traduire* (1999) d'Henri Meschonnic. Des notions comme langage, langue, texte, discours, énonciation, lancent les bases poétiques et littéraires pour penser l'acte de traduction comme processus historique et activité du sujet. Ainsi, dans sa poétique du traduire apparaissent les notions de rythme, oralité, signifiance, subjectivation pour appréhender le traduire dans une théorie d'ensemble, du langage, de la littérature et de la société, autrement dit, voir le traduire comme historique, sociale et intersubjectif. Ces réflexions permettent de percevoir l'histoire du traduire alignée sur l'histoire des réflexions sur le langage.

Mots-clé: langage ; poétique ; traduire ; traduction ; rythme.

NOÇÕES FUNDAMENTAIS PARA SE PENSAR A POÉTICA DO TRADUZIR DE MESCHONNIC

Alice Maria Araújo Ferreira

Universidade de Brasília
alicemaf@yahoo.com.br

Introdução

O artigo que ora apresentamos, está propositalmente na forma de um léxico, de maneira a permitir um pensamento “*flâneur*” de um termo a outro, sem, todavia, propor a reflexão fragmentada da desordem alfabética, mas, antes, um passeio pelas noções de linguagem, língua, texto, enunciação, discurso, poética, ritmo, signo, oralidade, significância, subjetivação (individuação), às quais, com certeza, outras tantas importantes se juntariam.

Linguagem

É uma noção fundamental nos cursos de Letras. Já recebeu várias definições em função das diferentes abordagens (concepções): para alguns, é uma faculdade inata do homem (abordagem gerativista em interface com a biologia); para outros, um conjunto de signos socializados (comunidade de fala, noção de signo, descontinuidade da linguagem); para muitos, infelizmente, é um instrumento de comunicação. E é justamente dessa concepção comunicativa que devemos distingui-la para não reduzi-la a um mero conjunto de informações, pois os conceitos de linguagem e comunicação devem ser diferenciados. São dois objetos diferentes, de ciências diferentes. De um lado, a ciência/teoria da linguagem; de outro, a ciência/teoria da comunicação. A comunicação supõe um estado de coisas no mundo (informação em relação com a realidade); a linguagem, tomada como conjunto de signos socializados, não tem relação material com a realidade. Se a comunicação fala do mundo, a linguagem constrói mundos. Nesse sentido, recusamos a premissa de que animais têm linguagem. A linguagem é uma faculdade humana (não enquanto faculdade biológica, mas social e cognitiva), é o que nos torna humanos. Mesmo se já vimos muito, nos manuais de linguística, o famoso capítulo sobre a linguagem das abelhas, temos que tomar cuidado com a própria noção de signo. As abelhas, de fato, compartilham um sistema de signos que lhes permite se comunicarem. A dança, em forma de oito, orientada em função da posição do sol e indicando o lugar do campo de flores, supõe signos relacionados com o estado de coisas da realidade (a posição do sol, o lugar do campo de flores): sem esse estado de coisas, essa dança deixa de comunicar. Os signos linguísticos, diz Saussure, não têm relação material com a realidade. Essa independência em relação à realidade confere uma autonomia à linguagem. Podemos com ela questionar a verdade (adequação da linguagem ao real), a mentira (inadequação intencional). Podemos desenvolver significações independentes da realidade, ou seja, falar sobre coisas que não existem ainda e que talvez não existirão (o futuro), que não existem mais (o passado), de coisas que simplesmente não existem (um unicórnio, um rio de lágrimas etc.), e, como diz Mallarmé, podemos fazer existir coisas pelo fato de nomeá-las. Então a linguagem instaura um universo simbólico, linguisticamente construído, que evoca o mundo, mas que não se parece com ele (FERREIRA, 2006).

Quanto aos animais, nunca vimos uma abelha indicando um campo de flores imaginário só por vontade de dançar, de criar um mundo imaginário, ou simplesmente para mentir para suas companheiras e mandá-las para o lado oposto. As abelhas – e, por extensão, os animais – não mentem, não imaginam: alguém já viu um cachorro latir no passado? No

futuro? Metaforizar seu latido? Assim, podemos dizer que a linguagem é uma faculdade humana, é o que nos torna humanos.

A linguagem é o que nos liga ao mundo, é a partir dela que percebemos o mundo e lhe conferimos significação, e com a diversidade de línguas, mundos. Mas, se a linguagem nos liga ao mundo, é também o que nos distancia dele, criando relações estreitas com a imaginação.

Língua

É uma noção fundamental nos estudos linguísticos e, claro, é uma categoria base em tradução, particularmente, na tradução chamada por Jakobson de interlingual. Quando falamos de língua, entendemos, a partir de Saussure, um sistema de signos compartilhado pelos membros de uma comunidade que se identificam por falarem a mesma língua. Esse sistema rege as falas mas, sobretudo, é constituído por elas. Ou seja, ele é sistema porque é uma sistematização das falas. Enquanto discurso constituído pelas falas, a língua tem sua concretude.

Outra questão importante quando se fala de língua diz respeito à sua relação intrínseca com a cultura e a sociedade. Essa relação é evidente e inquestionável, porém, é importante se perguntar como se dá essa correspondência. A famosa hipótese Sapir/Whorf questiona justamente essa correspondência. Para o primeiro, a língua é um reflexo da cultura; para o segundo, a língua é o paradigma a partir do qual é constituída a cultura, pois vemos o mundo a partir de nossa língua. Mudando de língua, logo, mudamos de visão de mundo. Isso, para a atividade de tradução, é uma das causas da impossibilidade de tradução: em outros termos, é impossível traduzir línguas. Assim, as teorias da tradução passaram a falar de texto.

Texto

A noção de texto não é nem contemporânea, nem consenso entre os teóricos. A percepção da necessidade de se ultrapassar a unidade frase levou os estudos linguísticos a uma teoria do texto. O texto pode coincidir com uma frase tanto quanto com um livro inteiro; ele se define por sua autonomia e por seu fechamento; constitui um sistema que não deve se identificar com o sistema linguístico, mas pôr em relação com ele, ou seja, relação ao mesmo tempo de contiguidade e de semelhança. A unidade texto foi objeto da narratologia, entendendo narrativa enquanto texto referencial com temporalidade representativa. A teoria do texto também buscou analisá-lo a partir dos elementos constituintes da textualidade (referencialidade, intertextualidade, situacionalidade, entre outros), fatores pragmáticos constituintes da construção do sentido do texto.

Enunciação/Enunciado

Os estudos linguísticos até os anos 1960, ou seja, durante o estruturalismo, recusavam a semântica como objeto da linguística, porque levava em consideração aspectos externos ao texto. Benveniste, em *Problemas de linguística geral* (1994), re-introduz a semântica a partir da análise, não do enunciado, mas da enunciação, propondo uma teoria da enunciação. O que está no centro é a produção linguística e não seu resultado, a enunciação e não o enunciado. A enunciação enquanto processo de apropriação da língua pelo sujeito é situada espacial e temporalmente. Tem coordenadas espaciais, temporais e actanciais (o aqui, agora, eu, tu). Encontrar as marcas da enunciação presentes no enunciado faz parte da construção do sentido de um texto, para devolvê-lo ao processo histórico no qual foi produzido. A enunciação é única e inédita. A enunciação devolve a noção de sujeito à linguagem, da qual tinha sido

retirada. Há uma subjetividade da linguagem. Se há linguagem, há um sujeito que se apropriou dela. Aliás, a própria noção de sujeito só existe quando o indivíduo se apropria da linguagem. Todo texto, e por extensão, todo texto que traduzimos, supõe um momento, um lugar e um sujeito de produção desse texto. Essas coordenadas são fundamentais para o estabelecimento de critérios de escolhas e decisões do tradutor. Além disso, a categoria de enunciação permite, também, diferenciar o texto de partida e a sua tradução, por corresponder a dois momentos, dois lugares e dois sujeitos: logo, estamos frente à produção de outra enunciação, de outro discurso.

Discurso

Benveniste (1994) estabelece uma distinção entre discurso e história, em que o primeiro seria subjetivo e o segundo, objetivo. O primeiro carregaria as marcas dos sujeitos, das pessoas (eu-tu) e o segundo da não-pessoa (ele). No entanto, tanto um quanto o outro são subjetivos, um explicitamente, o outro implicitamente. Todo discurso, mesmo que seja escrito na terceira pessoa, é subjetivo, no sentido de que alguém escreveu: a diferença entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado. “Ele disse: ‘Pedro não virá’”; ele é sujeito da enunciação; Pedro, sujeito do enunciado. Desse modo, recuperando o conceito de enunciação, todo discurso é marcado historicamente, espacialmente e subjetivamente, ou melhor, intersubjetivamente. Ele carrega, então, as marcas de uma época, de um lugar e dos sujeitos envolvidos. Se o objeto língua apresenta a linguagem como algo descontínuo, o discurso é da ordem do contínuo.

Em oposição ao texto, o discurso é concebido como a inserção do texto em seu contexto histórico.

A partir dos anos 1980, a noção de discurso prolifera nos estudos linguísticos como sintoma de uma modificação nas concepções de linguagem, e algumas ideias fundamentais sintetizadas no *Dicionário de Análise do Discurso* (CHAREAUDAU; MAINGUENEAU, verbete, *discurso*, 2006) vão sublinhar as características dessa noção:

- **O discurso é orientado:** concebido/construído em função do propósito do locutor; se desenvolve no tempo; linear.
- **O discurso é uma forma de ação:** concepção desenvolvida por filósofos da linguagem como Austin e Searle. Toda linguagem é um ato visando modificar uma situação. Esses atos se integram em atividades languageiras diferentes, os gêneros (panfleto, jornal televisivo, receita médica).
- **O discurso é interativo:** todo discurso é uma troca, explícita ou implícita, com outros interlocutores, virtuais ou reais. É uma enunciação que supõe sempre a presença de outra instância de enunciação à qual o locutor se dirige e em relação à qual ele constrói seu próprio discurso.
- **O discurso é contextualizado:** o contexto não é apenas uma moldura ou um cenário no qual intervém o discurso. Não existe discurso que não seja contextualizado. O contexto participa na construção do discurso e este pode modificar o contexto durante a enunciação.
- **O discurso é assumido:** ele é sempre relacionado a uma instância que se põe como fonte referencial: tempo, espaço, actantes, formas de subjetividade; e indica qual a atitude adotada em relação àquilo que é dito ao seu interlocutor (modalização do discurso) – por exemplo: fingir (ironia), atribuir responsabilidade, tematizar...
- **O discurso é regido por normas:** normas discursivas e sociais. Sendo um comportamento social, o discurso é regido por normas sociais, mas também normas específicas a um tipo de discurso.

- **O discurso é um interdiscurso:** todo discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos. A interpretação de qualquer enunciado necessita que este seja posto em relação com outros discursos que ele comenta, parodia, cita. Ele gera relações interdiscursivas.

Todos esses aspectos definidores do discurso fazem dele um objeto complexo apreendido na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Ele é muito mais uma concepção de linguagem do que o objeto de uma ciência particular.

Poética

A necessidade de se trabalhar em uma poética impede a separação dos estudos linguísticos dos estudos literários, pois, como diz Meschonnic, “poética implica literatura” (1999, p. 3). A poética só se desenvolve no conjunto da teoria, da literatura e da linguagem. Em tradução, a poética é experimental: primeiro, porque a tradução é uma atividade; segundo, porque é uma crítica, enquanto “reconhecimento das estratégias e de estratégia contra a manutenção da ordem constituída pelos dogmatismos fenomenológicos e semióticos” (1999, p. 3).

O segundo motivo é que a poética distingue os problemas filológicos (saber da língua) dos problemas propriamente poéticos, estudo do texto, e permite situar a tradução em uma teoria do sujeito e do social. A poética não é propriamente o estudo das obras literárias, mas o estudo do valor de uma obra. A poética é uma política do ritmo, e a política do ritmo, uma política do sujeito. A tradução é, para Meschonnic, a “melhor testemunha da implicação recíproca entre a historicidade e a especificidade das formas da linguagem como formas de vida. Com sua ética e sua política” (1999, p. 4). Quando fala em política da tradução, não se trata de política editorial, mesma se esta também tenha que ser pensada, mas da relação identidade e alteridade, sem opô-las, ao contrário, reconhecendo a interação entre elas, já que só temos identidade se há alteridade.

A poética recusa o cientificismo, não é, de modo algum, uma ciência, nem mesmo uma ciência experimental. A poética é uma teoria crítica, uma teoria de conjunto da linguagem, da história, do sujeito e da sociedade porque o discurso se pensa a partir de todas essas dimensões. Meschonnic concebe teoria e crítica como indissociáveis e situadas no plano histórico e ideológico. A crítica é o próprio exercício do pensamento, se dá no e pelo sujeito, o que vai contra a transcendência do observador, que, à procura da verdade, acaba se excluindo do processo de objetivação que ele mesmo iniciou. O sujeito da teoria crítica é uma instância de avaliação, já que ela se define, ao mesmo tempo, como busca das historicidades, dos funcionamentos, dos interesses e dos desafios de um lado, e ela constrói e situa seus próprios valores. Não se trata de uma busca da verdade, mas do sentido. Não é saber o que é o sentido, mas como, a partir de que e para onde se faz o sentido.

Meschonnic elabora sua poética do traduzir em torno de um programa teórico baseado no ritmo como organização da historicidade do texto.

Ritmo

Noção que já recebeu diferentes definições ao longo do tempo. Na antiguidade, Platão definia o ritmo como a ordem do movimento e distinguia ritmo de harmonia. A organização desse movimento era operada formalmente com alternâncias entre a percepção auditiva e/ou visual, ou seja, pela alternância dinâmica dos impulsos e das pausas. No século XVIII, Diderot acrescenta à definição formal da antiguidade, um aspecto sensível:

Você me pergunta, o que é o ritmo? É uma escolha particular de expressões, é uma certa distribuição de sílabas longas ou breves, duras ou suaves, surdas ou sonoras, leves ou pesadas, lentas ou rápidas, de lamento ou alegres, ou um encadeamento de pequenas onomatopeias análogas às ideias que temos e que nos preocupam, às sensações que sentimos e que queremos excitar, aos fenômenos que procuramos revelar, os acidentes, às paixões que vivemos e os gritos do animal que elas arrancariam, à natureza, ao caráter, ao movimento das ações que nos propomos revelar; e esta arte não é feita de convenções tanto quanto a luz e as cores do arco-íris; não se aprende, não se comunica, apenas pode se aperfeiçoar. Inspira-se de um gosto natural, da mobilidade da alma, da sensibilidade. É a própria imagem da alma (DIDEROT, *Salon de 1767*, apud BORDAS, 2003, p. 8, trad. nossa)¹.

Definição que completa a concepção formal da Antiguidade e do Classicismo, com certa irracionalidade, eliminando sua compreensão analítica. Ele já anuncia que é o ritmo que organiza o sentido como manifestação do sentir da alma. Para Benveniste (1994), o ritmo é um objeto evidente na poesia e na música e se percebe como uma “alternância de marcas (tempo forte, tempo fraco) do mesmo e do diferente, de vazio e de cheio, de longas e de breves, como um recorte, por intervalos, do som sobre fundo silencioso” (BENVENISTE, 1994, p. 335). Essa concepção recortada pode levar a esquecer que o ritmo é fundamentalmente um movimento, esquecimento provocado pela métrica que alimenta uma noção falsa de unidades (verso, frase ou estrofes).

Avançando nos estudos de Benveniste, Meschonnic (1982, p. 69-70) nos ensina a pensar o ritmo como uma estrutura, um nível que é a própria organização do sentido no discurso:

A partir de Benveniste, o ritmo pode não ser mais uma subcategoria da forma. É uma organização (disposição, configuração) de um conjunto. Se o ritmo está na linguagem, em um discurso, ele é uma organização (disposição, configuração) do discurso. E como o discurso não é separável do seu sentido, o ritmo é inseparável do sentido desse discurso. O ritmo é a organização do sentido no discurso (MESCHONNIC, 1982, p. 70, trad. nossa)².

O ritmo descobre o sentido do enunciado para deixar o sujeito aparecer. Assim, para Meschonnic, o ritmo é uma organização da fala na linguagem por um sujeito, e de um sujeito por sua linguagem. Em *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*, Meschonnic apresenta o ritmo “como a organização do movimento na palavra, a organização de um discurso por um sujeito e de um sujeito por seu discurso” (1982, p. 61-62). O ritmo é assim visto como uma organização da subjetividade e da especificidade de um discurso e não é separável do sentido, já que ele o organiza. A organização das marcas pelas quais os significantes linguísticos e extralinguísticos produzem uma semântica específica, distinta do sentido lexical. Estas marcas situam-se em todos os níveis: acentos, prosódicos, lexicais, sintáticos. Elas constituem junto um paradigma e um sintagma e neutralizam a noção de nível.

¹ « Qu'est-ce donc que le rythme ? me demandez-vous. C'est un choix particulier d'expressions, c'est une certaine distribution de syllabes longues ou brèves, dures ou douces, sourdes ou aigres, légères ou pesantes, lentes ou rapides, plaintives ou gaies, ou un enchaînement de petites onomatopées analogues aux idées qu'on a et dont on est fortement occupé, aux sensations qu'on ressent, et qu'on veut exciter, aux phénomènes dont on cherche à rendre les accidents, aux passions qu'on éprouve et au cri animal qu'elles arracheraient, à la nature, au caractère, au mouvement des actions qu'on se propose de rendre; et cet art-là n'est pas plus de conventions que les effets de la lumière et les couleurs de l'arc-en-ciel; il ne s'apprend point, il ne se communique point, il peut seulement se perfectionner. Il est inspiré par un goût naturel, par la mobilité de l'âme, par la sensibilité. C'est l'image même de l'âme ». trad. nossa)

² « A partir de Benveniste, le rythme peut ne plus être une sous-catégorie de la forme. C'est une organisation (disposition, configuration) d'un ensemble. Si le rythme est dans le langage, dans un discours, il est une organisation (disposition configuration) du discours. Et comme le discours n'est pas séparable de son sens, le rythme est inséparable du sens de ce discours. Le rythme est l'organisation du sens dans le discours. »

O ritmo está no verso e na prosa. Ele está nos acentos, nos fonemas, na entonação, nas intensidades, nas construções de frases...

Meschonnic combate todo e qualquer dualismo em tradução: língua de partida/língua de chegada; significante/significado; forma/conteúdo; letra/espírito;... Ele critica assim a noção de signo que se opõe à noção de sujeito. Pois o ritmo não é mais som, não é mais forma, mas um sujeito, uma historicidade. E traduzindo o discurso e não a língua, traduzimos um sujeito inscrito no seu discurso e transformado por ele, ou seja, uma historicidade. O reconhecimento do ritmo como organização do sentido pelo sujeito implica uma crítica ao signo linguístico. Pois o ritmo, sendo uma organização contínua na linguagem, evidencia a estrutura descontínua do signo.

Signo

É uma noção da antropologia dual e se opõe à antropologia do sujeito e do ritmo, que é histórica (MESCHONNIC, 1982, p. 65). É a partir do signo que uma série de dualismos se produziram. Em linguística, a dualidade significado/significante é o modelo de outras dualidades; em antropologia, a oposição corpo/alma, natureza/cultura; em filosofia, palavras/coisas, origem/convenção; em ciências sociais, indivíduo/sociedade; em política, maioria/minoridade. Contra essa descontinuidade, Meschonnic opõe um pensamento do contínuo que implica o múltiplo e o plural.

O pensamento sobre a linguagem conheceu no século XX a passagem da língua ao discurso. Esta noção tem efeitos diretos no traduzir. “O discurso supõe um sujeito, inscrito prosódica e ritmicamente na linguagem, sua oralidade, sua física” (MESCHONNIC, 1999, p. 16).

Oralidade

Não se confunde com o falar, essencialmente ligado ao ato de fonação. A oralidade se define como princípio do ritmo e da prosódia. Ela se realiza tanto no falar quanto no escrito (MESCHONNIC, 1982, p. 273-296). Mesmo lendo em voz baixa (ou até na cabeça), ouvimos o que lemos. A escrita tem um som, um ritmo, uma oralidade.

Significância

Termo de Émile Benveniste que o definia como “propriedade de significar” (1994, v. 2, p. 51). Para Meschonnic, no plano da poética e não somente linguístico, é o modo de significar, em particular pela prosódia e pelo ritmo.

Subjetivação (Individuação)

Processo pelo qual um indivíduo se singulariza de maneira significativa em relação aos outros indivíduos. Poeticamente, a individuação é o duplo processo de singularização de si e de seu discurso, de especificação do eu pelo seu discurso e especificação do discurso pelo eu. Essa subjetivação poética implica a passagem do indivíduo empírico à função de sujeito fundamental para arte. Uma obra não é o reflexo da vida (do vivido), das experiências de uma pessoa. O indivíduo (o eu) corresponde aqui ao que Proust chamava o eu (*moi*) social e o sujeito (o eu/*je*) do eu (*moi*) profundo. Cada poema, e poderíamos dizer cada discurso, implica então um sujeito, a invenção e a transformação de um sujeito.

À guisa de conclusão

A poética, então, supõe a implicação recíproca dos problemas da literatura, da língua e da sociedade. Ela se define, segundo Meschonnic,

por sua lógica interna, através dos conceitos da relação entre a literatura e a linguagem, dos conceitos da relação entre a linguagem e o sujeito que se expõe e que se inventa na linguagem, dos conceitos do sujeito e de sua relação com a sociedade, dos conceitos da inter-relação entre a história e a linguagem (1999, p. 57).

A história do traduzir, e não da tradução, segue o pensamento sobre a linguagem, as reflexões sobre a linguagem. Na antiguidade, paralelamente à preocupação platônica dos nomes e das coisas (*Crátilo*), a unidade é a palavra. Cícero combate a tradução palavra por palavra porque era justamente a unidade da prática da tradução. A tradução dos textos sagrados ainda tem a unidade palavra (São Jerônimo aconselha a tradução palavra por palavra da Bíblia). Só quando se começa a traduzir textos profanos, passa-se à unidade frase, e consequentemente à unidade língua. Daí as preocupações com a língua de chegada. “E enquanto dura a unidade-frase, quer dizer, a unidade-língua, o discurso não texto, traduz-se *anexando*, não *descentrando*” (1999, p. 67). A anexação e o descentramento só se invertem no Romantismo alemão, e em particular com Benjamin, mas isso está sobretudo ligado à história da descolonização, da transformação da antropologia de binária (selvagem/civilizado; o louco-mulher-criança-poeta/homem adulto normal branco) para plural. As vanguardas literárias e artísticas também transformaram o pensamento sobre a linguagem. A representação da linguagem se transforma com a noção de discurso, com Benveniste, em 1935.

Referências bibliográficas

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1994 [1974]. 2 tomos.

BORDAS, E. Le rythme de la prose. *Semen: rythme de la prose*, nº 16, 2003 [online]. 1º maio 2007. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document2660.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

DESSONS, Gérard; MESCHONNIC, Henri. *Traité du rythme: des vers et des proses*. Paris: Dunod, 1998.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. A linguagem, a subjetividade e a intersubjetividade. *Temporis[ação]*. v. 1, n. 8, Cidade de Goiás, UEG – Unidade Cora Coralina, 2006. p. 105-120.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARADEAU, Patrick. *Dicionário de análise de discurso*. Trad. de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lagrasse: Verdier, 1982.

_____. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.